

OS FUNDAMENTOS DA PEDAGOGIA DE JOHN DEWEY: UMA REFLEXÃO SOBRE A EPISTEMOLOGIA PRAGMATISTA

THE FOUNDATIONS OF PEDAGOGY BY JOHN DEWEY: A REFLECTION ON PRAGMATIST
EPISTEMOLOGY

Rodrigo Augusto de Souza

Doutorando em Educação pela UEM.

Programa de Pós-Graduação em Educação

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Maringá – PR – Brasil

Endereço:

Rua Cecília Meirelles, 153

Vila Esperança – Maringá - PR

CEP: 87020-640

E-mail:

rodrigoaugustobr@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma reflexão sobre os fundamentos do pensamento deweyano. Para uma compreensão das ideias de John Dewey (1859-1952), se faz necessário um estudo da epistemologia que permeia o seu pensamento. Sendo assim, esse estudo procura apresentar os fundamentos epistemológicos do pragmatismo deweyano. Para tanto, a obra de Dewey será entendida no contexto do pragmatismo norte-americano, no qual ele está inserido ao lado de Charles Peirce (1839-1914) e William James (1842-1910). O pensamento deweyano pode ser compreendido a partir de muitas perspectivas, uma vez que o filósofo norte-americano teve uma vasta produção acadêmica. Suas obras tratam especificamente de: filosofia, educação, política, sociologia, arte e psicologia. As ideias de John Dewey possuem certas especificidades frente ao pragmatismo. Seu pensamento pode ser entendido como um humanismo naturalista ou, ainda, como um naturalismo humanista. Essa reflexão pretende explicitar essas discussões a partir do pensamento deweyano.

PALAVRAS-CHAVE: Pensamento Educacional. Pragmatismo. John Dewey.

ABSTRACT

This paper presents a reflection on the fundamentals of Deweyan thought. For an understanding of the ideas of John Dewey (1859-1952), a study of epistemology is necessary that pervades his thinking. This study therefore presents the epistemological foundations of Deweyan pragmatism. The work of Dewey will be understood in the context of American pragmatism, in which it is inserted alongside that of Charles Peirce (1839-1914) and William James (1842-1910). Deweyan thought can be understood from many perspectives, as the American philosopher had a vast academic production. His works deal specifically with: philosophy, education, politics, sociology, art and psychology. The ideas of John Dewey have certain characteristics in relation to pragmatism. His thoughts can be understood as naturalistic humanism, or even as humanistic naturalism. This reflection aims to clarify these discussions based on Deweyan thought.

KEYWORDS: Educational thought. Pragmatism. John Dewey.

INTRODUÇÃO

Uma compreensão da obra e do pensamento de John Dewey (1859-1952), que não leve em conta a fundamentação epistemológica de suas ideias, é, por sua vez, limitada e parcial. Nesse sentido, esse estudo ao encontro dessa necessidade de compreender o pensamento deweyano a partir dos seus fundamentos epistemológicos. As ideias deweyanas têm a marca do pragmatismo filosófico. Nesse estudo buscamos aprofundar a compreensão do que venha a ser essa escola filosófica, de origem norte-americana. O entendimento de Dewey, vinculado aos demais pragmatistas do seu tempo Charles Peirce (1839-1914) e William James (1842-1910), não dispensa uma incursão nas particularidades do pensamento do deweyano. Não há uma homogeneidade no pragmatismo filosófico, embora possamos falar de denominadores comuns entre os filósofos que originam esse novo modo de pensar e elaborar a filosofia. Para aprofundar essa análise, é muito útil a obra "Os Pioneiros do Pragmatismo Americano", de John Shook, na qual o autor mostra os pontos de convergência e as especificidades dos fundadores do pragmatismo filosófico.

O contexto histórico que origina o pragmatismo é igualmente importante. Há um horizonte cultural e histórico que permite o surgimento de tal escola filosófica. Devemos situar o surgimento do pragmatismo nos Estados Unidos do final do século XIX, no período pós-guerra civil americana, fase de desenvolvimento e consolidação do capitalismo industrial. Do ponto de vista epistemológico é importante estabelecer a relação entre a Inglaterra e os Estados Unidos, principalmente pelo fato das colônias inglesas da América do Norte serem consideradas a "Nova Inglaterra". A Inglaterra é o berço do empirismo, de Francis Bacon, John Locke e Thomas Hobbes. Ainda, é o lugar do protestantismo de matriz anglicana, metodista, puritana e congregacionista. A família Dewey imigrou da Inglaterra para os Estados Unidos. O solo das antigas colônias inglesas da América do Norte foi fecundo aos ideais filosóficos, religiosos e culturais dos colonizadores. Podemos dizer que, considerando o pragmatismo um novo empirismo, ou um "empirismo reformado", ele é, em parte, expressão desse processo colonizador sofrido pelos Estados Unidos.

Quando William James denominou "pragmatismo", um novo nome para um velho método de pensar, não sei se ele estava expressamente pensando em Francis Bacon, porém, até no que concerne ao espírito e a atmosfera do conhecimento, Bacon pode ser considerado como profeta de uma concepção pragmática de conhecimento. (OZAMON& CRAVER, 2004, p. 132).

Considerando a relação existente entre empirismo inglês e pragmatismo norte-americano, podemos encontrar, de certo modo, as origens epistemológicas da filosofia de Peirce, James e de Dewey. Apesar disso, não devemos incorrer na tentação de uma análise muito simples da realidade. Embora Bacon seja considerado o "profeta" de uma concepção pragmática de conhecimento, os pragmatistas endereçam ao filósofo inglês inúmeras críticas. O próprio Dewey não poupa Bacon de suas críticas. Tais críticas são encontradas em: "Democracia e Educação", "Experiência e Natureza" e "A Filosofia em Reconstrução", entre outras obras.

O PRAGMATISMO FILOSÓFICO

Na obra de John Shook, "Os Pioneiros do Pragmatismo Americano", que já citamos em nosso trabalho, o autor faz uma distinção entre os filósofos pragmatistas. Ele considera que Charles Peirce foi o responsável pelo rigor científico e metodológico do pragmatismo. Segundo Shook, Peirce era uma figura controversa e de difícil convivência, por conta disso tinha dificuldades para lecionar nas universidades norte-americanas. Ainda, Peirce procurava se distanciar dos demais pragmatistas, denominando sua filosofia de "pragmaticismo".

Ao descrever a personalidade de Charles Peirce, Shook ironiza, dizendo que se dependesse de Peirce, o pragmatismo jamais teria se difundido e popularizado como filosofia nos meios acadêmicos norte-americanos. Não obstante sua genialidade, Charles Peirce sobreviveu boa parte de sua vida com doações realizadas por seus amigos, entre eles James e Dewey. A importância do pensamento de Peirce se dá para além do pragmatismo, abrangendo também os estudos de lógica, filosofia da

linguagem e de semiótica. É importante o estudo “O Método Anticartesiano de Charles Sanders Peirce”, de Lúcia Santaella. Nessa obra, a autora apresenta a epistemologia de Peirce se contrapondo ao racionalismo cartesiano.

De radical importância é a contribuição que Peirce traz para a discussão das fundações epistêmicas dos métodos, algo que a maioria das metodologias, preocupada com a eficácia imediata de seus meios, esquece-se de indagar. A grande novidade da teoria peirceana dos métodos está na sua demonstração de que, para negar as mazelas de um racionalismo exclusivista não temos que partir para a glorificação emocional e da irracionalidade. Peirce mostra que as vias que vão do instinto à razão e vice-versa não estão separadas por fronteiras intransponíveis. (SANTAELLA, 2004, p. 28).

A obra de Peirce pode ser entendida por aquilo que se convencionou chamar de “primeiro pragmatismo”. Voltando à análise de John Shook, a popularização do pragmatismo se deu pela atuação de William James, com suas célebres conferências publicadas sob o título de “Pragmatismo”. De família rica e influente, radicada em Nova Iorque, James teve uma formação intelectual esmerada. Seu irmão, Henry James, foi um dos mais importantes escritores da literatura norte-americana. O próprio William James reconhece textualmente a importância de Peirce para o pragmatismo. Explica o filósofo acerca da nova filosofia:

O termo deriva da mesma palavra grega “pragma”, que significa ação, do qual vêm as nossas palavras: prática e prático. Foi introduzido pela primeira vez em filosofia por Charles Peirce, em 1878, em um artigo intitulado “Como tornar claras nossas idéias”, publicado no “Popular Science Monthly”, de Janeiro daquele ano. (JAMES, 1979, p. 10).

Essas ideias influenciaram o pensamento de John Dewey. Para o filósofo e educador norte-americano, o pragmatismo surge com a intenção de reparar o atraso da filosofia em relação ao mundo moderno. O mundo moderno é palco de inúmeras revoluções. Podemos citar entre elas: a revolução científica, protagonizada por Bacon, com o método científico e a fundação da ciência moderna; a revolução industrial, ocasionada devido ao avanço do capitalismo aliado com o desenvolvimento da ciência; e a revolução política, representada pelo pensamento democrático e pelo liberalismo. Afirma Dewey:

Uma filosofia ajustada ao presente deve tratar daqueles problemas que resultam de mudanças que se processam num setor humano-geográfico em escala cada vez mais ampla e com poder de rapidez e de penetração cada vez mais intenso; eis aí uma indicação bem marcante da necessidade que se faz sentir de uma espécie de reconstrução diversa, em todos os sentidos, daquela que está agora em evidência. (DEWEY, 1958, p. 3).

A filosofia, bem como as demais experiências humanas, segundo a visão do pragmatismo e também deweyana, deve ser reconstruída, isto é, pensada sob o viés utilitário, pragmático, que até então permaneceu distante do universo do conhecimento. Para Dewey e os pragmatistas, o conhecimento, que até então era visto em si mesmo, distante de sua significação útil, e ainda justificado por uma lógica racionalista que o legitimava, deveria se aproximar da experiência cotidiana. Tratava-se da superação das dicotomias geradas pelo dogmatismo gnosiológico que buscava para si uma fundamentação supranatural. Contra isso afirma o pragmatismo a necessidade da substituição desse modelo de dogmatismo pelo método experimental.

A EPISTEMOLOGIA PRAGMATISTA

O termo epistemologia, de origem grega, do ponto de vista etimológico, quer dizer: episteme (ciência) + logos (discurso/saber); assim, teríamos discurso científico ou saber científico. Nossa opção, no entanto, é entendê-la como reflexão filosófica das teorias, conceitos ou discursos das ciências. Nesse sentido, seria a epistemologia a especulação crítica e reflexiva dos enunciados científicos que se pretendem verdadeiros.

A epistemologia, como disciplina filosófica, é uma reflexão contemporânea. Um pensamento destinado à crítica das proposições científicas não pode se adequar a outro momento histórico, senão o atual. Assim, a novidade trazida pela epistemologia não é somente o crivo da reflexão crítica para o conhecimento científico, mas também a sua historicidade.

Como vimos, a epistemologia se ocupa com a produção do conhecimento e com os processos do conhecer. Não ignoramos as raízes sociais da produção do saber científico, porém a epistemologia procura analisar criticamente as teorias científicas. O pragmatismo se preocupa com a produção do conhecimento. Isso está presente principalmente no pensamento Peirce e Dewey. Os estudos sobre lógica e as noções de experiência e de problema ocupam boa parte da atenção dos filósofos pragmatistas. Em Dewey, encontramos a obra “Lógica: A teoria da investigação”, na qual ele expõe a novidade de sua concepção lógica e metodológica para a produção do conhecimento. Seu pensamento não recorre aos modelos lógicos tradicionais, como a lógica formal aristotélica. Tampouco se aproxima da lógica matemática, muito difundida no final do século XIX.

Na epistemologia pragmatista e também deweyana, os objetos estão inter-relacionados, a partir da lógica, no processo de construção do conhecimento. Isso permite a conexão de uns com os outros, o que levaria à aplicabilidade pragmática, uma vez que conhecer se trata de perceber essas conexões que ligam os objetos com um fim útil. Assim, a filosofia não deve apenas evitar os dualismos: razão/experiência, ideal/real, teoria/prática, indivíduo/sociedade, mas combatê-los, já que o conhecimento se dá na continuidade da experiência e não apenas em sua fragmentação. A inteligência investigativa ou pensamento reflexivo é que deve estabelecer essas relações que (re) ligam os objetos naturais. Considera Dewey:

A aplicabilidade de alguma coisa ao mundo não significa a aplicabilidade àquilo que já é passado e findo, o que fica fora de questão pela natureza do caso; significa aplicabilidade ao que está ainda sucedendo, ao que ainda não está estabelecido no cenário mutável de que fazemos parte. (1959, p. 373).

O pragmatismo foi acusado de reduzir a verdade ao utilitário. Contudo não é o pragmatismo uma filosofia vulgar. Aquilo que os filósofos pragmatistas entendem por prático, por útil, deve ser bem compreendido para evitar equívocos conceituais. Os critérios de utilidade e praticidade defendidos por eles nada mais são do que a vida, como experiência humana. Em outras palavras, a aplicabilidade do conhecimento à vida prática. Isso Dewey defendeu com sua filosofia. O conhecimento, para o pragmatismo, se dá por uma atitude antiintelectualista, isto é, negando qualquer tipo de razão transcendental, racionalismo ou idealismo. Lembremo-nos de que o pragmatismo é um tipo de empirismo, mas não preso às emoções e aos fatos observáveis e às leis científicas a partir deles formuladas. Sendo assim, o pragmatismo retira o conhecimento do plano metafísico e o coloca nas mãos dos indivíduos, vinculando-o ao plano pragmático, útil à vida. Embora sendo empirista, o pragmatismo não é um tipo de positivismo.

Ao empreender o raciocínio transcendentalista, a filosofia assumiu uma tarefa desnecessária, visto que a própria experiência humana, por causa das relações que estabelece com o meio, é suficiente para desenvolver as noções intelectuais e morais de que necessita para se justificar. Além disso, trata-se de uma tarefa impossível, pois a filosofia não constitui um modo privilegiado de acesso à verdade. (CUNHA, 1998, p. 28).

Voltar o pensamento para a utilidade da vida cotidiana parece, em uma análise superficial, subestimar o pensamento reflexivo, mas não ao contrário. Com sua perspectiva de utilitarismo, Dewey procura definir que a experiência deve estar vinculada aos problemas da existência humana. Quando o homem experimenta o mundo ou a realidade, ele não procura somente empreender uma ação contra eles, mas resolver seus problemas existenciais.

Quando se fala em universalidade das teorias científicas, é necessário compreender que não se está aludindo a um conteúdo inerente fixado por Deus ou pela natureza, mas ao âmbito de sua aplicabilidade – da capacidade de tirar os casos de seu isolamento aparente com o fim de ordená-los em sistemas que (a exemplo do que ocorre com todos os seres vivos), provém sua qualidade vital, pelo gênero de mudança que se denomina crescimento. (DEWEY, 1958, p. 10).

Há o risco de se considerar o pragmatismo uma teoria da verdade. Para o pragmatista, o termo verdade possui muitos significados. A natureza da verdade depende de opiniões pessoais a respeito do termo verdade. Não se trata de uma espécie de subjetivismo irresponsável, mas sim de uma verdade que responde aos apelos e aos questionamentos vitais dos indivíduos.

O PENSAMENTO DEWEYANO

Alguns conceitos são fundamentais na compreensão adequada do pensamento deweyano. Eles são como que “chaves de leitura” para o entendimento da obra do filósofo e educador. Trataremos

agora de apresentá-los, ainda que em forma sintetizada, com a intenção de possibilitar um referencial básico à análise e à interpretação do pensamento de Dewey.

Segundo Cunha (1998, p.13), o pensamento deweyano está intrinsecamente relacionado com sua concepção de conhecimento. O pensamento de John Dewey nasce de sua epistemologia. A concepção epistemológica deweyana integra o pragmatismo norte-americano, que, por sua vez, é apresentado por William James como método filosófico. Dewey acrescentaria que o pragmatismo não é apenas método, mas instrumento de adaptação do homem como organismo vivo em seu ambiente natural, com a intenção de transformá-lo segundo seus interesses individuais e também coletivos. O conhecimento é uma percepção das conexões de um objeto, que o torna aplicável em uma dada situação (DEWEY, 1959, p. 373).

A filosofia deweyana é um pensamento que se percebeu na tentativa de conectar o pensamento reflexivo com os acontecimentos da experiência diária. O método empírico, do qual o pragmatismo faz parte, requer da filosofia que os métodos refinados sejam submetidos à experiência primária, que está no plano da relação com as emoções e as impressões primeiras. Suas conclusões devem ser trazidas à experiência ordinária, em toda a sua rudeza, a fim de serem verificadas, assim a filosofia se torna uma crítica de preconceitos.

Dewey critica as filosofias que se distanciaram da experiência ordinária: escolasticismo, sensacionismo, racionalismo, idealismo, realismo, empirismo, transcendentalismo e o próprio pragmatismo. Afirma que: uma filosofia empírica é, de qualquer modo, algo como despir-se intelectualmente. Ao que poderíamos acrescentar, com a intenção de aproximar mais o pensar da vida prática, da experiência comum (DEWEY, 1958, p. 185).

O pensamento deweyano possui uma filosofia política e social bem significativa. O conceito de democracia é uma preocupação constante de sua filosofia, bem como de sua pedagogia. Com Amaral (1990), Cunha (1998; 2001) e Shook (2002), podemos dizer que o conceito de democracia é fundamental na obra e no pensamento de Dewey. O Estado não é entendido por Dewey como luta por ambições pessoais. Se é verdade que as células não estão em interação vital uma com as outras, não poderiam elas vir a colocar-se em conflito, mas tampouco estabelecer cooperação. Aqui reside também sua crença no liberalismo, uma vez que sua filosofia social está centrada no indivíduo educado para a vida democrática, isto é, vida associada. Não há separação entre política e teoria moral (DEWEY, 1958, p. 194).

A sociedade é o processo de estabelecer relações, transmitir experiência e valores em comum. Dewey percebe que a filosofia europeia surge à parte das tradições sociais que se consolidaram. Defende que a filosofia social e política devem estar em sintonia com os valores sociais da comunidade humana. Afirma Dewey:

Sociedade é como dissemos, muitas associações, não uma organização simples! Sociedade significa associação, reunião de pessoas para, através de inter-relações e ações, do melhor modo a levarem a efeito todas as formas de experiência, formas que ganham valor e vigor à medida que venham a ser mais e mais partilhadas. (1958, p. 200)

Dewey realizou também significativas contribuições no campo da lógica. Chegou à constatação de que há um tipo de lógica que leva o pensamento a não se relacionar com o fato real. Para o pensamento deweyano, isso não é possível, embora o modelo considerado inadequado por Dewey afirme que a lógica não precisa obrigatoriamente se relacionar com um fato real. Analisa a lógica formal, a lógica indutiva e a lógica dedutiva e percebe que as mudanças ocorridas nas concepções tradicionais das relações entre experiência e razão, ideal e real, devem afetar a lógica e promover uma reconstrução. A lógica se reveste de importância profundamente humana, precisamente por que se funda no empirismo e suas aplicações têm base na experiência (DEWEY, 1958, p. 143).

A moral e a ética são contempladas no pensamento deweyano. Para Dewey, a ética que surge com os gregos é orientada por uma lei suprema. Há uma variedade de ideais éticos: epicurismo, estoicismo, ceticismo e ecletismo. Todos afirmam o bem único e final para o agir ético. Dewey acredita que a experiência humana é suficiente para desenvolver a formação moral. Procurar a justiça é viver de acordo com a justiça. A ética demanda um modo de viver. Há uma lógica baseada na experiência aplicada à moral. A moral pragmática abrange a ciência natural e a ciência moral. Vejamos a organização da moral segundo Dewey: 1) o princípio moral passa a ser uma hipótese

funcional; 2) a moral é difundida pela comunicação; 3) estabelecida por meio de processos de julgamento; 4) tem como objetivo processos de crescimento (DEWEY, 1980, p. 127-193).

Em sua obra: "Dewey: Filosofia e Experiência Democrática", Maria Nazaré de Conceição Amaral se vê instigada a conceituar o pensamento deweyano e, mais ainda, sai à procura do núcleo do seu pensamento, no qual todos os temas desenvolvidos pelo filósofo se articulam: Ponto comum entre o Dewey do papel social e democrático da escola, da moral instrumentalista da religião, da "democracia", da "reconstrução da filosofia" e os outros Deweys. O problema da pesquisa de Amaral: É possível encontrar um ponto comum no pensamento de Dewey, em que se articulam todos os temas por ele desenvolvidos? (AMARAL, 1990, p. 20).

Amaral (1990, p. 22) chega à constatação de que, embora haja uma diversidade e multiplicidade temática nas obras de Dewey, podemos falar de unidade. Para a autora, os conceitos de filosofia instrumental e de experiência democrática são fundamentais no pensamento deweyano. "Dewey defendeu a concepção instrumental da filosofia. Propugnou a aplicação da crítica filosófica à realidade circundante e com fervor salientou que a filosofia só pode ser relevante quando estiver em relação com o mundo".

Um único princípio garante unidade ao pensamento deweyano: a continuidade. Dewey considera que a filosofia clássica isolou o eu do mundo, o conhecimento da ação e a teoria da prática. O pensamento deweyano, nesse sentido, como construção teórica, responde a uma necessidade eminentemente prática do mundo uno no qual crê o filósofo tão fervorosamente. Trata-se da necessidade de estabelecer uma organização social que estimule a flexibilidade das interações entre os indivíduos. Esse ideal de continuidade está presente, entre outras obras, em "Democracia e Educação", considerada sua obra-prima.

O pensamento deweyano quer a solidificação da medida prática no pensamento, quer justificar e racionalizar a medida prática. O princípio de continuidade de Dewey afirma que a mente tem lugar e função na natureza, por isso o mundo é uno, o homem pertence a ele e à natureza, não está isolado, como defendia a tradição filosófica clássica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho quis mostrar a relação entre o pragmatismo filosófico e o pensamento de Dewey. Ele também teve a intenção de apresentar o pragmatismo deweyano, isto é, as especificidades do seu pensamento, aquilo que caracteriza o seu pensamento a partir das particularidades que lhe são próprias. A obra Dewey é vasta e complexa, bem como o seu pensamento. Não é tarefa simples classificar o pensamento deweyano, nem foi essa a nossa intenção. Buscamos com esse trabalho realizar uma introdução possível ao pensamento de Dewey, procurando compreendê-lo pelo viés epistemológico.

É possível entender o pragmatismo como um tipo de empirismo. O pragmatismo filosófico é a atitude empírica. A grande indagação que tentamos responder com esse estudo foi: Que tipo de empirismo é o pragmatismo? Um empirismo à moda de Bacon? Uma espécie de positivismo? Mostramos que não. É o pragmatismo um novo tipo de empirismo. A noção de experiência, tão fundamental no pensamento de Dewey e no pragmatismo, é compreendida de maneira muito diferente em relação ao empirismo clássico de matriz baconiana. Os pragmatistas dirigem ao empirismo também suas críticas.

Podemos afirmar que o pragmatismo teve uma abrangência muito maior do que o empirismo clássico. Exemplo disso é a obra de Dewey e suas incursões nos mais variados campos, como: filosofia, educação, política, sociologia, arte e psicologia, entre outros, que podem ser acrescentados por outras análises. O horizonte de repercussão do pragmatismo foi mais amplo do que o do empirismo. São tempos históricos e contextos completamente distintos. Ao mesmo tempo o pragmatismo é uma continuidade e uma ruptura com o empirismo. Essa compreensão do pensamento deweyano a partir de sua epistemologia, dos seus fundamentos, parece ser importante para orientar uma leitura e interpretação da obra e do pensamento de John Dewey.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Maria Nazaré de C. Pacheco. Dewey: Filosofia e Experiência Democrática. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1990.
- BARBOSA, Ana Mae. John Dewey e o Ensino da Arte no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.
- CUNHA, Marcus Vinícius. John Dewey: Uma Filosofia para Educadores em Sala de Aula. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. John Dewey: A Utopia democrática. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- DEWEY, John. A Arte como Experiência. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- _____. A Filosofia em Reconstrução. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.
- _____. Como Pensamos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953.
- _____. Democracia e Educação. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.
- _____. Experiência e Natureza. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- _____. Lógica: A Teoria da Investigação. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- JAMES, William. Ensaio de Empirismo Radical. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- _____. O Significado da Verdade. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- _____. Pragmatismo. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- OZMAN, Howard A. & CRAVER, Samuel M. Fundamentos Filosóficos da Educação. Porto Alegre: Artemed, 2004.
- SANTAELLA, Lúcia. O Método Anticartesiano de C. S. Peirce. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- SHOOK, John R. Os Pioneiros do Pragmatismo Americano. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Artigo recebido em 12/04/2011
Aprovado em 09/08/2011